

Budapeste de Chico Buarque: a ficção no labirinto de espelhos

Adrieli Aparecida Svinar Oliveira¹, Paulo Custódio de Oliveira²

1. Estudante de IC da UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados *adrielly_svinar@hotmail.com

2. Professor do Programa de Pós-Graduação da FACALE/UFGD

Palavras chave: Budapeste; ficção contemporânea; literatura; metaficção.

Introdução

Esse artigo procura demonstrar o quanto o livro *Budapeste* de Chico Buarque de Holanda é um exercício de ficção teórica. Buscaremos mostrar que as questões pontuadas pelo romance são muito relevantes para o cenário da obra de arte literária nesse início de século XXI. O aspecto mais claramente explorado será o da metafictionalidade, porém, sem descuidar de outros como autoria e construção de estilo individual no cenário pós-moderno que estão presentes nessa obra.

Resultados e Discussão

O método de pesquisa utilizado foi o bibliográfico. Com o objetivo de tratar da metafictionalidade presente no livro, escolhemos abordar as questões de autoria e da identidade na pós modernidade, pressupondo que estas haveriam de anteceder àquela. Os críticos literários que compõem a fundamentação teórica são Roland Barthes, Antoine Compagnon, Stuart Hall e Homi K. Bhabha.

O primeiro argumento explorado na questão da metafictionalidade, a saber, a questão da autoria, parte da assertiva encampada pelo senso comum de que o escritor moderno deseja ser revelado pelo que escreve, como se a obra fosse um mecanismo de desvelamento/construção de sua personalidade. Para este modelo, o maior alvo é sempre o sucesso. Espera-se que seus escritos sejam prestigiados e seu nome se torne referência. R. Barthes (2004) esclarece que esse autor moderno é um personagem criado pela sociedade burguesa. Nesse caso, o autor e sua obra são vistos como complementares, sendo que esta se torna um local de confiança. Toda interpretação é, então, uma procura por aquilo que se acredita ser a voz do autor.

No entanto, em *Budapeste* algo diferente acontece. O protagonista dessa narrativa assume uma nova atitude, distanciando-se dessa postura moderna. Ele é um *ghost writer*, um profissional que redige textos que serão publicados em nome de outra pessoa. Por isso o livro *Budapeste* realiza um movimento contrário ao que foi por muito tempo postulado sobre o autor. Ali está presente essa vontade de permanecer nas sombras, de não querer aparecer, expressada pelo personagem central, opondo-se ao papel de destaque solicitado pelo escritor moderno.

O segundo argumento revelador da tendência à metafictionalidade é sustentado pelas críticas de Stuart Hall à noção de identidade cultural e, portanto, diz respeito à questão da identidade nacional ser uma das estruturas sólidas do caráter do indivíduo. Esse sociólogo jamaicano nos auxilia a entender como se manifesta e se constrói a identidade do personagem central uma vez que, segundo esse teórico, imaginava-se que a identidade de um indivíduo estava ligada à noção de identidade nacional. Ele esclarece, porém, que esta identidade nacional não existe concretamente em termos de território. O que existe é uma espécie de “comunidade imaginada”, em que a noção de uma cultura nacional tende a tornar-se um discurso pelo qual o indivíduo sente-se representado.

Em *Budapeste* vemos que o sentimento de pertencimento a uma nação e de identificação não se concretiza no personagem principal, uma vez que ele assume duas nacionalidades (brasileira e húngara), deixando evidente a fragmentação desse sujeito. Toda sua trajetória é marcada por essa crise de identidade e pela sensação de que ele não pertence a lugar algum.

Esse livro está longe de ser uma confidência do seu autor, da mesma forma que seu personagem não é metonímia da autoria, nem de sujeito nacional. Antepõe-se à ideia de evidência que permeia e reflete o processo de criação da obra literária desde o início até sua recepção e circulação, oferecendo um autor/personagem que habita o entrelugar, um lugar além dos lugares, só possível no romance.

Conclusões

A pressuposição da metafictionalidade do livro decorre dessa constatação da presença de questões literárias no seu interior. Do início ao fim da obra tem-se um livro que fala de livro(s), construído de forma que a ficção ali exposta seja discutida em seu interior. É uma narrativa composta do amálgama da ficção com a teoria. Por reconhecer a riqueza e a grande quantidade de questionamentos dessa obra, este estudo não pretende ser conclusivo. Contudo, pelo exposto, podemos considerar que o livro *Budapeste* é uma aula de teoria ficcionalizada. Uma narrativa ficcional consciente que trata de assuntos relevantes para as questões que envolvem o pensamento sobre a obra de arte literária do século XXI. A narrativa mostra-se autorreflexiva a respeito da literatura, do fazer ficcional, e promove uma ruptura com as expectativas do leitor, destacando os dilemas do pós-modernismo pela exposição dos paradigmas desse tempo. Constata-se que um dos propósitos é justamente apropriar-se literariamente de questões como a fragmentação e o descentramento do personagem central, que não possui uma única identidade, mas várias identificações, o que se revela de grande importância para a ficção contemporânea.

Referências

- BUARQUE, C. *Budapeste*. 2 ed. 1 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BHABHA, Homi K. Disseminação, o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. pp.198-238.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WANDERLEY, J. Literatura. In: JOBIM, J. L. (org) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. pp.253-265 (col. Pierre Menard)
- FARIA, Zênia de. 2012. A metaficção revisitada: uma introdução. In: *Signótica*, v. 24, n. 1, pp. 237-251, jan./jun. 2012. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/18739/12292>. Acesso em 11/2013.